

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 205 JULHO A DEZEMBRO 2022

Redação e Correspondência:

A. Carvalheira
UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

José Ferraz
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
uniases@sapo.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES - NIF 501 794 000

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1700 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

FELIZ NATAL

Há dois mil anos nasceu Jesus em Belém, que veio ao mundo para nos salvar. O Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, e o nome da Virgem era Maria. Entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: "Salve, ó cheia de graça, o Senhor é contigo".

Ela, ao ouvir estas palavras, perturbou-se e discorria pensativa que saudação seria esta. O anjo disse-lhe: "Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus; eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus".

À sua apreensão por não conhecer homem, o anjo respondeu-lhe: "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso mesmo o Santo que há-de nascer de ti será chamado Filho de Deus". Então, Maria disse: "Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra".

Para se recensearem, José e Maria, que estava grávida, foram a Belém. Ora, estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz; e deu à luz o seu filho primogénito e o enfaixou e o reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Naquela região havia vários pastores que ficaram cheios de medo quando um anjo do Senhor lhes apareceu e disse: "Não temais, porque vos anuncio uma boa nova, que será de grande alegria para todo o povo: nasceu-vos, hoje, na cidade de David, um Salvador, que é o Cristo, o Senhor".

Que amor enorme Deus tem por nós, que nos enviou o seu único filho para nos salvar!

Com o sim de Maria, Deus faz nascer um reino de luz para toda a terra.

Que o Espírito Santo nos encha de uma vida nova e que o exemplo de Maria faça de nós testemunhas credíveis da esperança.

A direção da UNIASES deseja a todos os ASES um Santo e Feliz Natal e um Ano Novo cheio de saúde, amor e paz.

(Texto baseado nos Evangelhos de S. Lucas e S. Mateus e no livro Rezar no Advento da Editora Salesianos)

José Ferraz, Presidente da Direção



ENCONTRO DO MINHO

SÁBADO – 11 DE FEVEREIRO 2023

SEMINÁRIO DA SILVA

Inscrições:

Isidro Linhares: T. 969 946 711

Costa Pereira: T. 253 883 438

José Manuel: T. 253 882 236 / 963 741 196

uniases@sapo.pt

1972-2022

50 ANOS DE ENTRADA NA SILVA

Inscrições:

Olindo Geraldes | 933 125 007

olindogeraldes@gmail.com

LAMPREIADA

O INDISPENSÁVEL E SEMPRE DESEJADO ENCONTRO GASTRONÓMICO

NORTE - MELRES | GONDOMAR "LUCIANO"

18 DE MARÇO 2023

Organização:

Manuel Santos Lopes

T. 224 760 565 / 965 039 366

manuel santoslopes@gmail.com

ENCONTRO DA TORRE D'AGUILHA

LISBOA - 16 DE ABRIL 2023

ASES do SUL, aguardar p.f. a oportuna e habitual convocatória por mail

José Silva Dias – 962 776 192

Armando F. Silva - 917 638 448

Rogério Carmona – 917 265 012

uniases@sapo.pt

**A TODOS OS ASES E SEUS FAMILIARES
DESEJAMOS UM FELIZ ANO 2023
CHEIO DE SAÚDE, ALEGRIA,
ESPERANÇA, UNIÃO, AMOR E PAZ**

NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

José Ferraz - Godim 1954

PEREGRINAÇÃO DA FAMÍLIA ESPIRITANA A FÁTIMA

Depois de dois anos de interregno devido à pandemia do Covid 19, realizou-se no fim de semana de 2 e 3 de julho de 2022 a 42ª Peregrinação da Família Espiritana a Fátima.

Este ano, e como se pode ler na mensagem do P. Pedro Fernandes, Superior Provincial, no roteiro do programa, a "peregrinação adotou como lema uma frase inspirada na mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado: "Um nós cada vez maior". Nesta mensagem, o Papa recorda-nos como o plano de Deus para a humanidade assenta num "nós" como um grande projeto de comunhão. E como a Igreja é Católica precisamente a partir desse projeto de comunhão que o Espírito Santo realiza em nós, e entre nós, e como é chamada a construir um mundo cada vez mais inclusivo e aberto, essa é a nossa Missão, a Missão de Deus, na qual o Espírito Santo nos faz partícipes à imagem de Maria!"

Com a presença de largas centenas ou talvez milhares de pessoas, entre as quais alguns ASES, tendo a direção marcado presença com o presidente, secretário e um vogal, do programa constaram

as seguintes atividades:

Sábado, dia 2: às 17:30 - Saudação a Nossa Senhora, na Capelinha das Aparições; às 18:15 - Missa, na Basílica da Santíssima Trindade; às 21:30 - Terço e Procissão de Velas, no Recinto; às 23:00 - Vigília, na Basílica Nossa Senhora do Rosário.

Domingo, dia 3: às 07:00 - Via-sacra, nos Valinhos; às 10:00 - Rosário, na Capelinha das Aparições; às 11:00 - Missa, no Recinto, presidida por D. António Marto; às 14:30 - Sessão Missionária, no Centro Paulo VI.

A manhã de domingo acordou com chuva, trovoadas e o firmamento carregado de nuvens negras, mas a Senhora de Fátima lá estava a responder às nossas preces de bom tempo para que a via sacra se realizasse.

Programa cansativo, mas que permitiu dar resposta ao pedido de Nossa Senhora aos pastorinhos: "fazei penitência". A penitência foi feita e oxalá que tenha contribuído para que nunca esqueçamos que o próximo pode precisar de nós, pode precisar da nossa ajuda.



PE. FIRMINO CACHADA – MISSIONÁRIO NA AMAZÓNIA

No dia 9 de setembro ao fim da tarde, no salão nobre da Câmara Municipal de Barcelos, em sessão solene, foram apresentados pelo Pe. Firmino Cachada, os seus livros sobre a Amazônia: "Missão e Aventura – do Rio Japurá ao Rio Negro" e "Amazônia ribeirinha em poesia e fotografia". Uma sessão animada e participada, que teve também um apreciado momento musical com os seus sobrinhos Daniel Campinho como pianista e

a Teresa Cachada como cantora lírica. O público, onde se incluíam vários ASES, correspondeu ao convite, enchendo o salão nobre.



CANTINHO DA POESIA

GUIÃO PARA AUTO DE NATAL

A mãe já deu à luz! Está tudo bem!
Siga o caso nas redes sociais:
Imagens da criança com seus pais
E gente a visitá-los, saiba quem!

*[nas ruas há festa * e a publicidade * com drones atesta * a felicidade]*

A história tem contornos que ninguém
Previa que saíssem nos jornais...
As últimas notícias são virais:
A família fugiu! Livre ou refém?

*[numa estrela rara * a palavra paz * o drone dispara * por pouco a desfaz]*

Suspensa a emissão, mas retomada.
A tal perseguição reivindicada
Faz a guerra chegar à nossa porta.

Quereis ver que da criança que nasceu
Já quase toda a Rede se esqueceu
Tornando a sua estrela letra morta?

*[nos arquivos falta * a notícia dada * dizem que era falsa * e foi apagada]*

José Machado – Godim 1964
Feliz Natal e Boas Festas - Braga 2022

UM POEMA UMA ROSA

não terá sido um poema
o que te pus nas mãos
para depois me dizeres
que o não entendes

não foi um poema
foi uma rosa

e não é uma rosa
um poema ininteligível?
e não é a beleza
o maior dos enigmas
tão grande pelo menos quanto a morte?

é verdade
que se não compreendes a rosa
também não foi uma rosa
o que te dei

mas repara:
não será que no mínimo
tens agora
as mãos perfumadas?

Anthero Monteiro – Viana 1956

NOTÍCIAS BREVES

F. Cunha Pinto - Viana 1956

ALBERTO MELO

Não podíamos deixar passar esquecido o 1º aniversário do “desaparecimento” do nosso Ás Alberto Melo.

No dia 8 de dezembro de 2021 ficamos mais pobres:

- Perdemos a nossa enciclopédia histórica.

O seu nome e o seu trabalho ficarão gravados nas páginas da história da nossa União. Fica aqui registada a sua memória e o nosso reconhecimento por toda a atividade que nos dedicou e os ensinamentos que nos deixou.

Paz à sua alma.



PARA OS ASES QUE ENTRARAM NA SILVA EM 1971 E 1972

Em outubro de 1971, o 6º e 7º anos passaram a ser ministrados na SILVA. Para trás ficava o Fraião. Vamos aproveitar o Encontro do Minho, na Silva, no dia 11 de fevereiro para comemoração (ainda a tempo) dos 50



anos desse acontecimento. A ideia veio do Olindo Geraldês, um dos elementos dos dezanove do sexto ano a que se juntavam mais sete, do sétimo ano.

Vamos ter um encontro animado e concorrido. Não faltes. Marca presença.

Fizemos um apelo para que nos fosse enviada uma fotografia desses anos...

Só nos chegou esta do Faria Souto, onde aparecem:

De pé: Joaquim Gameiro, Manuel Marinheiro, Ribeiro Soares.

Sentados: Faria Souto e Martins Carneiro.

JOSÉ EMÍLIO PEDREIRA MOREIRA

No dia 9 de julho de 2022, decorreu, no Cineteatro João Verde, na Vila de Monção, a sessão de lançamento do livro “Muitos Sonhos! Algumas Desilusões”, do Dr. José Emílio Pedreira Moreira, aluno do seminário nos anos de 1965 a 1970 e que presidiu à Câmara Municipal monçanense durante 16 anos, tendo terminado funções em 2013. O Cineteatro encheu-se – mais de 400 pessoas; familiares e amigos,



vindos de perto, de longe e de muito longe, membros do partido em que o autor militou toda a vida e de outras formações partidárias de quem foi adversário, atuais e antigos autarcas do Alto Minho e cidadãos comuns de Monção que, com a sua presença, quiseram apenas manifestar gratidão pela obra que o antigo autarca realizou. Depois das

palavras de boas vindas e do rasgado elogio feito ao antigo autarca pelo atual Presidente da Câmara, seguiu-se a apresentação do livro que esteve a cargo do Prof. José Viriato Capela, do Doutor Ernesto Português e de José Silveira de Brito. (Diário do Minho de 31.7.2022)

O **ANTERO MONTEIRO** - Viana 1956 – deixou-nos em 5 de abril. A Biblioteca Pública de São Paio de Oleiros e a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira prestaram-lhe homenagem, no dia 12 de outubro, com uma Viagem ao Mundo da Cor, no Cine Teatro António Lamoso, que se encheu completamente. O serão poético-musical Magnólia, tertúlia criada pelo próprio e que continuará a ser dinamizada, contou com música (piano), poesia (apenas a de Anthero Monteiro), dança (ballet) e cor. Teve a presença dos Ases da Direção José Ferraz e Francisco Pinto e do Jorge Relvas, amigo pessoal do Antero. Anthero Monteiro foi um Homem da Cultura em São Paio de Oleiros, personalidade das letras, da poesia e da cultura, em geral, que faleceu aos 76 anos.



ALMOÇOS NO PORTO

Retomámos os encontros de almoços no Porto que a covid suspendera. Na 2ª terça-feira de cada mês, 10 a 12 Ases têm-se reencontrado no restaurante Bella Roma na Rua Sampaio Bruno na baixa do Porto. Temos passado ali umas horas agradáveis recordando tempos e episódios que já ficaram para longe. Em geral falamos dos mais típicos e agradáveis. Escrevi almoços no Porto e não do Porto, porque a maioria dos que aparecem vêm de fora do Porto. A zona de Espinho costuma ter uma boa representação.

E é tão fácil chegar ao Porto: comboios de todos os lados... E muitos podem utilizar o Metro. O Bella Roma fica a uns 150 m da estação de São Bento. A sala é grande e há sempre lugar, mesmo sem avisar.

Espero que lá para março o nosso grande dinamizador, Teixeira da Rocha, nos possa deliciar com visitas por ele guiadas por ruas e monumentos do Porto. Apareçam na 2ª terça-feira de cada mês. (Timóteo Jorge Moreira - Godim 1955)



VIANA - CINQUENTENÁRIO DA ENTRADA NO SEMINÁRIO

Zé Mário - Viana 1971



No passado dia 15 de outubro do corrente, um grupo de cerca de vinte elementos de ASES – Antigos Seminaristas do Espírito Santo -, reuniram-se em comunhão para comemorarem o cinquentenário da sua entrada no Seminário das Ursulinas, em Viana do Castelo, no longínquo ano de 1971 e 1972. Estavam enquadrados por elementos da Direcção dos ASES e a irmã de um desses elementos directivos.

A comemoração da efeméride veio com um ano de atraso, deveria ter ocorrido em 2021, mas o facto de os ajuntamentos estarem proibidos, pelas razões sobejamente conhecidas e associadas à famigerada pandemia, tinha sido adiada.

A ideia do evento foi da iniciativa e responsabilidade organizativa do Mário Neiva Viana e do Fernando Nogueira e contaram com o apoio da Direcção dos ASES. A todos, muito reconhecidamente, agradecem os restantes convivas. O Programa da Comemoração foi cumprido na íntegra: concentração no Seminário das Ursulinas; apresentação de cumprimentos e algumas surpresas; visita às instalações daquilo que resta e do que era o nosso Seminário; Eucaristia seguida do almoço, pois, nem só da Palavra que vem da boca de Deus vive o homem. A desconcentração aconteceu já o dia se aproximava do seu final.

Uma jornada de emoções que mexeu com os sentimentos. É sempre assim nestes encontros, mas este em particular, demonstrou-se mais intenso e catabólico. A concentração ocorreu no mesmo lugar, a que mais tarde aprendemos a chamar Portaria. Isso, esse mesmo sítio, onde fomos deixados pelos nossos pais, com uma mala de cartão contendo o “enxoval” e entregues à nossa sorte, com uma lágrima de saudade no olho. Que diabo! Tínhamos uns míseros dez anos de idade. Ainda antes de ter avistado qualquer dos convivas e enquanto durava o processo de estacionamento da viatura da responsabilidade do David Falcão, na qual me fiz transportar, observava melancólico a fachada lateral do edifício, outrora imponente e altaneiro sobre o resto da cidade com as suas paredes bem tratadas, bem pintadas e alvas. O gradeamento das janelas dos dormitórios e quartos dos senhores padres voltados a sul eram os mesmos, mas estavam àquela hora, na sua maioria, transformados em estendais de roupa, facto que lhe conferia um aspecto terceiro mundista e aspecto degradante de bairro social. Perdoem a minha frontalidade, mas foi o que senti. Não ia à espera de encontrar as instalações como eram há cinquenta anos. Acho muito positivo o facto de terem rentabilizado e transformado as instalações no que quer que seja, desde que seja um projecto positivo e

sustentável, como sói dizer-se. Mas, mexe com as emoções ver o campo de futebol transformado num pomar, com aspecto de bosque; constatar que eliminaram o jardim e o lago dos patos que lhe estava adstrito; nem sombra da gruta de N^a Sr^a de Lourdes e da vidente Bernardete; o coberto, que servia de polivalente desportivo, também está com aspecto muito pouco cuidado. O espaço nobre, a que chamávamos mirante, com vista privilegiada sobre o rio Lima e os Estaleiros Navais, está agora transformado numa sala de informática, com um amontoado de secretárias e PC's espalhados pela dependência. Do acervo do Museu constituído na altura por diversas caveiras de animais oriundas da fauna africana e armários repletos de amuletos, tambores, escudos, arcos, flechas, lanças e peças de artesanato indígena, nada consta. O espaço ocupado pela mesa de bilhar livre, onde o obeso Padre Pinto exibia as suas qualidades técnicas jogando quase sempre a solo, é agora a entrada e saída de um elevador que foi implementado. Do espaço referido restam as duas colunas a servir de referência, e a testemunhar que sim senhor, era ali o Museu. A entrada para a rouparia e as escadas que desciam para a Portaria foram alteradas. Os amplos dormitórios foram repartidos e transformados numa espécie de suites. Ao Refeitório e à Sala de Televisão não tivemos acesso. O Claustro será aquela dependência onde menos se notam alterações, bem assim como a Capela, que se encontra bem cuidada e inalterada.

A borrasca, que entretanto apareceu sem ser convidada, obrigava os convivas a amontoarem-se e a protegerem-se na entrada da Capela.

As emoções brotaram quando nos deparávamos com os semblantes dos nossos antigos discípulos. Mantinham praticamente as mesmas feições e traços fisionómicos, com mais uns extras compostos por uns quilos a mais, cabelos brancos, grisalhos ou mesmo ausência deles e a detenção incompleta, denunciada nos sorrisos abertos e francos. O espírito de todos era, no entanto, o mesmo. Quem era mais comunicativo e palrador continuava assim, quem era mais recatado e circunspecto assim continuava. A constatação da ausência de alguns, por terem falecido, entristeceu-nos ensombrando-nos o íntimo. As suas memórias foram lembradas e sufragadas na Eucaristia. Este detalhe lembrou-nos que éramos uns sortudos. Estávamos vivos, se bem que muitos com alguns achaques e maleitas, mas é a vida...

Seguiu-se a Santa Missa presidida pelo Padre Altino Cepeda, que foi missionário em Angola, de 90 anos de idade. Com aquela provecta idade, mantém a frescura mental e a resistência física adquirida e tão típica da ascendência e origem transmontana. Deixou alguns recados durante a homilia ouvida com deleite e avidez pelos antigos seminaristas, por ser assertiva, actual e pertinente, embora proferida à moda antiga. Deixou recados aos políticos e pseudopolíticos, a alguns dos seus homónimos e aos espíritos conturbados e desequilibrados que vêem na guerra a maneira de resolução de problemas. Uns idiotas...

Rumou o grupo para Cardielos, para o restaurante onde se haveria de degustar o almoço, que se constituiu um franco e fraterno convívio. Desfilaram as histórias e “estórias” do nosso tempo de seminaristas. Houve tempo para se fazer

uma breve apresentação individual, onde cada conviva verbalizou uma telegráfica sùmula biogràfica, referente ao espaço temporal compreendido entre a saída do Seminàrio, até aos dias de hoje. Intervenção a salientar do Fernando Nogueira, onde mencionou o Bispo D. Júlio Rebimbas, a propósito do subsídio que o Estado Português atribuía às Congregações. O montante recebido pelos seminários foi devolvido com juros, concretizados nos cidadãos que receberam formação seminarista e foram mais tarde lançados na sociedade portuguesa, materializando matéria-prima de excelência e uma mais-valia de inestimável valor.

Encontro muito agradável e bem organizado, no entanto, fugaz. Quando nos sentimos bem, o tempo voa. Por isso, é que filosoficamente tudo o que é quantificável é relativo. Nada é absoluto.

Pena a pouca adesão. De repente lembro-me e não tenho que olhar para a lista das matrículas, do Sidónio da Vila da Feira, o Elísio de Santa Maria de Lamas, o Zé Carlos, o Cerqueira, o Miguel e o seu irmão Macário do "Puorto", o Gomes de Caminha, o Santos de Ponte de Lima, o Barros e o Monteiro ambos de Vitorino de Piães-Ponte de Lima, este último o tratador do canídeo, o "Farrusco". O Neves de Gondomar, se a memória não me traiçoa e o Vieira de Paços

de Brandão. Estes que eram os melhores alunos ou os mais "marrões" dependem da perspectiva. O Ricardo de Barcelos, a quem chamavam, vá-se lá saber por quê, o "Carcaça", e roía as unhas até ao sabugo, e usava óculos com umas lentes graduadíssimas, que pareciam fundos de copo de bagaço. Da mesma zona geográfica ou próximo de S. Miguel da Carreira-Barcelos, o Simões e o Ferreira da Costa. O João de Milhazes-Barcelos, o Torcato de Cossourado-Barcelos. O Sá, de VN Famalicão, um fervoroso adepto do FC Porto, que usava uma pulseira de ouro. E por falar em fervorosos adeptos do FC Porto aflorou-me à memória o Castro Mendes, de Fafe. Aquele puto a quem o padre Augusto, professor "sui generis" de Ciências da Natureza, quando lhe colocava uma questão, referia-se a ele como "Sr. Castro Maindes". Finalmente, para não me tornar fastidioso, permitam-me apenas mais dois: o Luís Filipe, dos Açores, que celebrava o "guuuuuuuuuuulo!" e o João Belo, da Murtosa - Aveiro. Onde param estes condiscípulos? Assinam ou não o UNIASES? Têm conhecimento e interesse destes encontros ou nem por isso? Apareçam. Todos seremos poucos.

Para terminar, um repto em jeito de desafio ao Manuel António Marques de Oliveira: no próximo encontro traz o teu

acordeão. Agora está na moda a música estridente e esganiçada da concertina, mas o som do acordeão é sublime e diferente. Volta a encantar-nos com as músicas dos Festivais da Eurovisão e outros hits da cena pop dos anos 70. Árias que interpretavas com elevada técnica e mestria. Sempre que havia um dia festivo, o Manel António e o seu acordeão eram ponto de honra do programa. Consegues isso ou a artrose já não te permite a gracinha?

Lanço daqui o desafio, és capaz?

Atreve-te! - como dizem nos anúncios de alguns sites marotos...

Nota da redação:

E em novembro de 2023 vamo-nos encontrar no Fraião.

De todos os mencionados, só não sabemos onde pára o Jorge Cerqueira...



VIANA - 50 ANOS DEPOIS 1972-2022

António D. S. Pereira - Viana 1971

15 de outubro de 2022. O dia amanheceu cinzento.

De Braga partimos quatro, rumo ao Seminário das Ursulinas, em Viana do Castelo. Depois da pandemia, finalmente pudemos voltar a encontrar-nos e a conviver. Pelo caminho, a conversa foi levando a memória para cinquenta ou cinquenta e um anos atrás. A distância é curta, e rapidamente vimos um pequeno aglomerado, à entrada da capela do Seminário. A expectativa de quem íamos encontrar e se reconheceríamos nos sexagenários de hoje as crianças que em 1970, 1971 e 1972 ali entraram, sabe-se lá com que sonhos, projetos, lágrimas e sorrisos, fez-nos aligeirar o passo.

- Bom dia! - Não me lembro do teu nome!
- Fulano de tal. E tu, desculpa, mas também não consigo identificar-te!

- Ah! Conhecíamos-te pela alcunha... lembra-te?

- E tu? És fulano. Estás igual. Mais velho,

claro. Mas reconhecer-te-ia em qualquer parte do mundo!

- Que fazes agora? - Onde vives? - Tens filhos?

Os abraços, as perguntas, as pequenas histórias, lentamente transformavam os rostos adultos à nossa frente, transportando-nos para os das crianças que todos fomos, com quem brincámos, estudámos, rezámos, partilhámos angústias e alegrias, num passado já tão longínquo, mas que se fazia presente a cada revelação.

Era agora altura de revermos os espaços que o tempo, seguramente, havia transformado. Mas os dormitórios que agora são quartos, lá estavam, as salas de aulas, a cozinha, o refeitório, a lavanderia, a rouparia e até a sapataria, a todos fizeram evocar memórias. A sala de convívio ainda preserva o pequeno palco. Nos campos de futebol agora crescem árvores e no ginásio/barracão,

o tempo apagou os murais por nós pintados.

O seminário acolhe agora uma escola com alunos oriundos, sobretudo, de Cabo Verde e S.



Tomé e Príncipe. Por interposta instituição, parece continuar a cumprir com a sua missão. Que seja com a mesma qualidade com que o fez noutros tempos e que estes jovens possam tornar-se cidadãos ativos, livres e responsáveis nas suas vidas.

Antes da celebração da Eucaristia, ainda houve tempo para uma parte dos presentes fazer a sua apresentação formal e contar, resumidamente, a sua história de vida. A outra parte fá-lo-ia já no restaurante.

Dos presentes, uns tinham saído em anos mais precoces, outros ainda ti-

nham passado pelo seminário do Fraião e da Silva, e alguns, depois do noviciado, ainda frequentaram a Casa da Filosofia, novamente em Braga.

A todos assistia um único pensamento: o que hoje somos, devemos ao Seminário e aos Espiritanos. E se esta afirmação parece uma verdade à La Palice, quando ouvimos os testemunhos, percebemos como calou fundo a formação integral que recebemos e que moldou a nossa vida até hoje.

De uma formação sólida ao nível dos conhecimentos, onde pontuavam a exigência e o rigor, hoje pomposamente apelidados de “hard skills”, até às competências para a vida, à volta das quais a escola ainda hoje anda (vejam-se os documentos orientadores plasmados na estratégia nacional de educação para a cidadania, e no perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória), já nós tínhamos beneficiado nos longínquos anos setenta.

De facto, unanimemente reconhecido pelos presentes, a formação recebida integrava já a educação para a cidadania, para a autonomia, para a liberdade, responsabilidade e integridade, para a educação estética e artística - quem não se lembra das sessões de cinema, das peças de teatro em que participávamos, das rapsódias com que a brilhamos as festas das famílias, dos (vários) conjuntos musicais que tínhamos, do voluntariado que praticávamos... muito diferente das manhãs submersas, ontem e hoje relatadas, supostamente vividas por outros personagens.

Ouvi um dia destes que a escola está atrasada cinquenta anos em relação à vida. Ressalvando o exagero da afirmação, de imediato me veio à lembrança a formação que tive a

sorte de ter ao longo dos quase 10 anos de Espiritano. Tudo o que para trás referi das ‘inovações’ pedagógicas que hoje se procuram sedimentar na escola, já estava lá, há quarenta/cinquenta anos.

Foi um dia de regresso à memória, nossa e de tantos colegas e mestres que se cruzaram connosco. O cinzento do dia foi por elas colorido e transformado genuinamente pela alegria do reencontro.

Uma palavra final para os “confrades” que nos proporcionaram este dia de regresso às boas memórias. Ao Carlos Vitorino Viana e ao Mário Neiva que denodadamente se empenharam para que estivessemos o maior número possível; ao José Ferraz e ao Francisco Pinto, da direção dos ASES, que organizaram o encontro, o nosso sincero agradecimento pela disponibilidade para organizar o encontro.

Aos que estiveram, aos que não puderam estar e aos que já não estão entre nós, um grande abraço carregado de boas memórias e um até sempre.



GODIM 1972 - 50 ANOS DEPOIS

1 DE OUTUBRO DE 2022

José Manuel Pinto Ribeiro - Godim 1972



Boa noite, caro Francisco! Grato pelo envio das fotos.

De acordo com o solicitado, envio, a seguir, algumas palavras sobre o nosso encontro, que podem ser integradas no UNIA-SES se considerar conveniente:

Foi com muito gosto e emoção que confraternizei com velhos colegas e amigos. Alguns não via desde as bodas de prata, quando, há cerca de 25 anos, comemorámos a nossa entrada no seminário de Godim; outros, 50 anos depois... Como o tempo passa!

O dia 1 de outubro passou a correr: muito haveria ainda para dizer, para relembrar... tantas foram as situações e peripécias – boas, relevantes, engraçadas ou nem por isso! – que nos

marcaram e que recordámos com saudade. Um aspeto foi, no entanto, recorrente nos testemunhos de diversos participantes: a importância, na nossa vida, da passagem, breve ou mais longa, pela Congregação do Espírito Santo. Espero que nos encontremos em breve!

Boa tarde, Francisco Pinto. Recebi os emails e as fotos, que agradeço. Foi uma grande jornada espiritana que vivemos em Godim. Tudo bem organizado e que correu muito bem.

Um grande abraço.

José Manuel Cabral Coelho - Godim 1972

Nota da Redacção: Apesar de várias solicitações, não recebemos mais nenhum testemunho: e foi pena porque durante o apreciado almoço no Pedro – Restaurante Santa Marta - tivemos bons oradores que confirmaram a sua alegria de viver este encontro e testemunharam quanto cada um deve à Congregação. Até o Paulo Teixeira foi breve, conciso e rico de conteúdo, mas não foi capaz de me enviar por escrito: azar o nosso que não efetuámos gravação...

Aproveitamos para agradecer ao Ás Cesário Mesquita Ferreira pelo apoio logístico que ofereceu a este encontro e a sua presença.

À MARGEM DE UM ENCONTRO DE ASES

Zé Mário - Viana 71

Em tempos que já lá vão, deixei aqui vertido nas páginas do nosso boletim Uniases, a confissão que pertenço a vários grupos e núcleos da sociedade civil, construídos sobre as amizades das vivências e as incidências da vida passada, ao longo de todos estes anos. São várias as concentrações que frequento, com o intuito de rever amigos, de vez em quando. Servem ainda, estes eventos, para matarmos saudades e colocarmos a conversa em dia. São os amigos do Liceu, os amigos do futebol, os amigos das motas, os amigos da tropa e...os amigos do Seminário. Deixados propositadamente para último, para patentear e evidenciar a sua diferença.

Um grupo distinto. Nos encontros dos ASES há muito mais do que amizade. Respira-se uma espécie de união familiar, onde nos sentimos irmãos. Foram muitos os anos de partilha. Anos de puro convívio com muitas peripécias, de acalorados despiques futebolísticos, com umas caneladas pelo meio. Anos de alegrias e de tristezas, de gargalhadas e de lágrimas e isso será o bastante, e a justificação, para que a relação entre os seus elementos seja diferente. Mas, a psicologia terá explicações para isso, seguramente...

Fomos muito mais do que amigos. Fomos companheiros (do étimo latino companis), partilhámos o mesmo pão e a mesma mesa durante anos. Uns com uma permanência mais longa do que a de outros. A talhe de foice, lembrar que partilhávamos no refeitório, muitas vezes, com generosidade forçada pelos superiores, os miminhos que os nossos familiares nos traziam nas visitas dominicais ou que trazíamos de casa, aquando do regresso do fim de semana. Ainda me lembro da marmelada que o Fernando Nogueira partilhava.

Fomos camaradas, sem k ou com ele, porque com o acordo ortográfico vale tudo, terá é que ser isenta e livre de qualquer prurido político. Mas escrevia eu, fomos camaradas. Porque partilhámos a mesma câmara ou camarata a que chamávamos dormitório. Ora, "per si", estas condições originarão um relacionamento entre os ASES, muito para além de uma simples amizade. Diria, uma tenaz união familiar. Isso mesmo é atestado pelo lema do nosso boletim Uniases: "*Triplex funiculus difficile rumpitur*", que quer dizer: o cordão triplo é difícil de romper. Calma, não sou douto nem letrado, baseei-me apenas no tradutor do Google, para fundamentar a teoria.

O padre Cardoso Cristóvão, mui ilustre professor da disciplina de Português, deverá sentir-se muito orgulhoso, se vier a ler esta crónica. Aproveito o ensejo para lhe enviar um abraço, agradecer tudo o que nos ensinou e desejar-lhe longa vida, com muita saúde. Ah, e tenho que acrescentar isto, correndo o risco de ser julgado narcisista: Caríssimo padre Cardoso Cristóvão, ainda hoje, este seu discípulo sabe de cor as proposições simples; quando fala não diz porque, mas sim porque, carregando na última sílaba; quando escreve um arti-

go ou uma "estória", faz a introdução, desenvolvimento e fim. Cabeça, tronco e membros de um "boneco" com as devidas proporções anatómicas. Como vossemecê explicava e exigia. Dizer-lhe, ainda, que tenho memorizada a música de Natal por si ensinada e ensaiada, que falava dos peixes que bebiam no rio enquanto a Virgem lavava, com um pouquinho de sabão, a roupinha do Deus nascido:



*"Pero mira como beben los peces en el río
Pero mira como beben por ver al Dios nacido
Beben y beben y vuelven a beber
Los peces en el río por ver a Dios nacer..."*

Brilhei ao "mais alto nível", com a interpretação da dita melodia, numa festa de Natal conjunta de tropas de várias nacionalidades, em 2008, no Kosovo. O suporte instrumental foi dado pelos "nuestros hermanos" atónitos e boquiabertos. Não pelos dotes do cantor, mas espantados com o facto de ter sido interpretada uma música tradicional espanhola, por um militar luso...

Será por estes pormenores e outros "por maiores", que aquilo que nos foi transmitido e ensinado, muito para além daquilo que previam os programas de ensino oficial, ao longo da nossa permanência no Seminário, fez de nós cidadãos diferentes. Não somos melhores nem piores, somos diferentes. Aqueles que não almejavam a vida clerical foram devolvidos à sociedade como matéria-prima preciosa e de qualidade. Está essa mesma sociedade enriquecida com as suas qualidades ímpares e singulares. A sociedade está a fruir daquilo que estes profissionais produzem nas mais diversas áreas: do Saber, ao Direito, da Política às Polícias e Forças de Segurança, passando pela Autoridade Tributária, pela Banca e pelo Ensino, não podendo esquecer os empresários de prestígio fazedores de riqueza e criadores de postos de trabalho e ainda os técnicos qualificados no Comércio e na Indústria.

Portanto, roubando e reforçando a ideia do Fernando Nogueira, com a devida vénia: aquele subsídio, de montante que tinha tanto de clandestino como de oficioso, atribuído pela tutela à Congregação Espiritana e outras similares, foi devolvido em dobro ou em triplo. Tal e qual como nos diz a parábola das dez moedas, segundo S. Lucas. As congregações receberam as dez moedas, mas colocaram-nas a render devolvendo muito mais do que receberam do seu amo, pelo que, seriam merecedoras de muito mais.

Caríssimos, foi um gosto. Vamo-nos encontrando por aí, até a um dia destes.

PAGAMENTO DE QUOTAS E OUTROS ATOS DE TESOURARIA

Efectuar Transferência para :

PT50 0035 2008 0003 8874 9303 5

Não esquecer. Indicar no Descritivo: Nome completo ou n.º de A/s

Ou Depósito na conta (numa Agência da CGD):

N.º 2008 038874 930

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...RESPOSTAS BREVES

F. Cunha Pinto – Viana 1956

Desejamos a todos os ASES umas SANTAS FESTAS de NATAL extensivas a todos os seus familiares e amigos. Agradecemos a todos os ASES que, aproveitando o email uniases@sapo.pt, nos têm feito chegar os mesmos votos para todos os ASES...

A mensagem email do Tesoureiro de 16 de novembro, lembrando a Tesouraria, foi muito útil: foram recebidos "agradecimentos" de vários, alguns até com graça, e créditos na nossa conta de muitos... Em reunião de Direção foi decidido contribuir com um donativo de 3.360.00 € para as diversas obras da Congregação: Bolsas (500 €), Cepac (860 €), Missões de Moçambique (500 €), São Tomé (500 €), Amazônia – Pe. Cachada (500 €) e Amazônia – Pe. Gaspar (500 €), esperando a ratificação desta decisão na nossa próxima MAGNA de 2023.

Pe. Pedro Fernandes – Provincial

Caríssimo amigo e irmão Francisco Pinto! Recebi mais este número (o 204), que agradeço. É sempre um gosto receber notícias vossas e ir ficando atualizado. E o jornal tem sempre uma excelente qualidade. Parabéns a quem o faz e tanto se dedica. Uma saudação muito especial à nova direção, composta de gente de excelência. É uma grande alegria ver os Ases tão bem entregues a uma equipa de eleição! E continuamos, naturalmente, a investir no estreitamento de relações de colaboração e amizade com a missão espiritana! Um grande abraço amigo e votos de um excelente verão!

Muito obrigado: as suas palavras incentivam-nos na continuação do trabalho que vimos exercendo. A nossa união à Congregação será sempre garantida e aprofundada.

Américo Pereira Espírito Santo G63

Faz acompanhar o seu crédito de 100 € com o seguinte texto que apreciamos: "O subsídio extra é p'ró Natal" - (Dizia eu, cá por casa, à boca cheia) Teremos bacalhau, polvo e quiçá marisco!"

Mas jamais previa isto: vem o email do Francisco, e ... se não me convidam para a ceia só como broa ou vou passar mal...

Abraço a todos,

O Francisco lançou-te o isco para "pecares" o polvo e o marisco para a Ceia de Natal...

Vais ter em abundância...

Albano Martins Sousa V67

Pergunta-nos como estava o registo das suas quotas:

Tens razão: foi menção que me esqueci de assinalar no email. O Tesoureiro tem tudo muito bem registado desde 2004...

Viva, já lá moram 35 paus! Aprovada e paga a 1ª revisão orçamental sem o apoio da geringonça!

Abraço.

Se estivéssemos à espera da geringonça, não iríamos longe...

Fernando Teixeira Cardoso G62

Caro companheiro e amigo: por favor informe quantas quotas tenho em atraso? Eu penso que serão 2 ou 3! Abraço.

Fizeste muito bem perguntar: foi menção que me esqueci de incluir na minha mensagem...

Não estás assim atrasado... até estás muito bem:

- temos registo de 60 € em 2021, não foi assim há tanto tempo...

Grande abraço e até breve: talvez na Silva em fevereiro...

José Adelino Cardoso Veiga G55

Tendo em conta o teor da tua mensagem, que me surpreendeu, junto prova da minha contribuição, que espero que, com outras, possa ajudar a resolver o grave problema de tesouraria de que nos dás conta e que nos estás a privar de um meio de comunicação que tem contribuído para a união dos ASES.

Um abraço, com amizade.

Registámos o teu contributo; muito obrigado. Por acaso, as finanças não estão assim tão más: trata-se mais de despertar e manter o bom hábito que,

convenhamos, é de uma minoria de que tu fazes parte... Esperamos que a tua surpresa tenha sido positiva!... Quanto à saída do nosso UNIASES, compreendes que, não havendo atividades/encontros, é difícil encontrar conteúdos.

Imaginas, de certeza, o nosso esforço para arrancar reportagens dos encontros que tivemos em Godim e Viana no mês de outubro!...E, além do mais, falta-nos o MELO, que era uma fonte permanente...

Vai insistindo com os nossos ASES de Lisboa que retomem os almoços e mandem reportagens...

Fernando Faria Torre V64

Estamos mal de finanças, não? - Não sei se tinha ou não a minha assinatura em dia...Pelo sim e pelo não... Aqui vão 25 € para o UNIASES.

Devidamente registado: muito obrigado. Pela análise à Tesouraria podes confirmar que o Tesoureiro tem razão de estar satisfeito...

Dinis Agostinho Gaspar G60

Desejo que os ASES estejam todos muito bem. Como não sei que quotas devo, hoje transferi 200 €. O restante é um pequeno donativo. Um abraço espiritano.

Olá, estimado, boa tarde.

Registamos o teu generoso contributo: - faremos seguir uma parte para as OBRAS da Congregação de que receberás Recibo Fiscal.

Joaquim Leal Pereira V57

Obrigado pelo teu apelo. Junto envio comprovativo da transferência que acabei de fazer da CGD para a conta dos Ases. Entretanto vou ver se acabo um artigo que já iniciei há algumas semanas atrás para publicares, se assim o entenderes, no boletim. Se não for a tempo, pode ficar para o próximo.

Um abraço desde já, saudações natalícias.

Já registado o teu generoso contributo. Que bom mandares um artigo: - aproveita para o acabares junto à lazeira: podes enviar e aparecerá no pró-

ximo UNIASES. Grande abraço.

Carlos Alberto Santos Moreira G53

Caro Francisco ou, como assinas, FCP. Fico a aguardar o Uniases que, pelos vistos, já vem a caminho. Costumo recebê-lo com gosto e lê-lo, devagar como julgo que deve ser lido, com ainda muito maior gosto. Dir-te-ei depois, como aliás pedes, o que eventualmente vier a achar dessa leitura. Prometo. Um grande abraço.

PS – Achei piada à tua assinatura FCP. De repente, sabes, fez-me recordar o Fraião e o manual creio que de Ciências (ou Botânica?, sinceramente já não me lembro bem do nome dessa disciplina...) onde havia lindíssimos desenhos a tinta da china preta de plantas, flores e quejandos sempre assinados SCP, iniciais de Siomara da Costa Primo. Ora eu, adepto azul, aqui e ali fui substituindo, com todo o jeitinho que possas imaginar, o S (de Sporting, no meu entendimento garoto) pelo F, de Futebol (Club do Porto). Garotices. Aqui fica a minha confissão. Venha a pena. Abraço.

Contentes pela tua “entrada” nos ASES e pela tua graça com o FCP que parece alegrar-te! Comecei a utilizá-lo por “lei do menor esforço” e não por qualquer afirmação clubista; até porque, todos sabem, que sou fervoroso sócio e adepto do maior clube (da província...): o Sporting Clube de Braga!...

José Manuel Martins F61

Estimado Amigo Francisco Pinto, felicito-te e aos membros da nova Direcção e para eles vão os meus votos de coragem e boa missão. Boas férias a todos. Saudações cordiais e espiritanas.

Todas estas palavras “aquecem” a nossa vontade de trabalhar pela comunidade.

Armando Alves Ferreira Silva V56

Obrigado pelo 204. Boas notícias, com a garantia de que se venceu a pandemia e a continuidade do funcionamento dos ASES ficou (bem) entregue. Surpreendeu-me a partida do Antero, tanto mais que ainda nos deixou poemas para lermos. O Covid impediu-me de estar, mas estou com ganas de marcar presença durante o ano que se segue em Godim, em Viana, na Torre d’Aguilha e no Fraião.

És sempre bem-vindo aos encontros: lança-te na organização do encontro da Aguilha para o mês de abril 2023 e na recuperação dos almoços de Lisboa...

Olindo Santos Galdes G65

Boa tarde, meu caro Francisco Pinto: Serve a presente, correspondendo ao apelo lançado, para informar de que hoje procedi ao depósito da quantia de 40 euros, através do multibanco. Aproveito a oportunidade, desde já, para desejar um Santo Natal e Feliz Ano Novo. Saúde e Fraternidade, para além das Saudações Espiritanas.

Bem recebido e registado: em nome dos ASES, muito obrigado: este tesoureiro é pior que o Vitor Gaspar!...Precisamos que se anime essa gente de Lisboa:- já insistimos com o Armando para que os almoços voltem ao vosso currículo...Votos de Festas Alegres e Felizes para toda a família.

Francisco Jesus Jarnalo G66

Obrigado pela lembrança. Tenho andado muito descuidado. Junto envio o comprovativo do meu contributo.

Bem recebido e registado: em nome dos ASES, muito obrigado. A nossa mensagem foi mesmo uma “lembrança”.

Ernesto Pereira Gomes G58

Fiz hoje mesmo a transferência de 30 €. Um grande abraço. Votos de um Santo Natal.

Bem recebido e registado: em nome dos ASES, muito obrigado. Com votos de Felizes Festas de Natal e muita saúde.

Ramiro Santos Pinho G57

Boa tarde, espero que esteja tudo bem, dentro do possível. Junto envio comprovativo da transferência no montante de 50 € para pagamento das minhas quotas. Com os melhores cumprimentos.

Obrigado e muita saúde.

Manuel Gonçalves Vilela V62

Respondendo à solicitação e porque me sinto em falta, acabo de transferir 20 € para pagamento de quota e jornal. Junto comprovativo. Saudações espiritanas.

Bem registado e obrigado. Sentimos a tua falta no Fraião.

Joaquim José Azevedo Moreira S55

Como tinha “ameaçado”, fiz hoje, às 10:59, transferência de 100 € para quotas de 2023. Espero que o natal desperte os assinantes e o saldo se componha. Saúde e sucesso com o 205.

Bem recebido e registado: muito obrigado. Cá estamos com o 205: espere-mos que seja apreciado.

Agostinho Tavares Freitas G55

Cordiais saudações e votos de boa saúde. Transferi hoje, pelas 17:05, a importância de 100 € para quotas e para o jornal UNIASES ou o que por bem acharem.

Bem recebido e registado: muito obrigado. Vamo-nos preparando para os encontros: e o próximo para os teus lados será a LAMPREIA em março...

António Guilhermino Pires - COPPAEC

Muito OBRIGADO pela partilha do vosso UNIASES. PARABÉNS. Saudações pessoais para todos os ASES, lembrando o querido e saudoso Alberto Ribeiro Melo.

Muito reconhecidos pela lembrança. As nossas saudações para toda a família COPPAEC.

Pe. Firmino Cachada – Amazónia V56

Obrigado a todos os amigos ASES pelo presente natalício. Esta Igreja e este Povo agradecem também. Feliz e Santo Natal e um Ano 2023 cheio das bênçãos do Céu. Vai um abraço natalício aqui da Amazónia brasileira.

O mundo seria maravilhoso se todos vivessemos em comunhão: é esta a nossa alegria em distribuir.

Pe. Nuno Rodrigues – São Tomé G84

O povo de São Tomé e Príncipe, mais concretamente da Cidade das Neves, agradece profundamente a prenda de natal que os nossos queridos amigos ASES fizeram. É um gesto de partilha e de solidariedade que apreciamos e que ao mesmo tempo será mais um apoio directo às refeições das nossas crianças. Todos os dias distribuimos mais de duas mil refeições a todas as crianças que frequentam a escola, para muitas delas, a única refeição diária. São gestos como estes que nos fazem acreditar que por todos conseguimos. Grato e Abraço.

Ficamos contentes em mitigar as necessidades dos outros irmãos.

Pe. José Gaspar - Amazónia G57

Estou profundamente reconhecido a vocês pelo vosso presente de 500 € colocado no meu sapatinho como ajuda à missão do nosso Grupo Espiritano da Amazónia. Que o Deus Menino vos acrescente o que vos fica, em dons espirituais e temporais! Que a chama do ideal missionário continue brilhando entre os ASES e reacenda no entorno outras chamadas em novas e inspiradas formas de cooperação missionária

que o Espírito Santo vai inspirando por aí. Rezem por nós para que sejamos dignos do carinho de tantos amigos da nossa Congregação e para que nos cheguem reforços para o muito que há para fazer aqui. Continuação de Santo e Feliz Natal e um 2023 bem abençoado por Deus. Abraços para todos os amigos.

É mesmo uma pequena lembrança para as necessidades que sentis todos os dias. Abraço missionário.

Pe. Pedro Fernandes Provincial

Recebi o seu email e venho, através

de si, agradecer a todos os irmãos Ases os seus gestos de comunhão, solidariedade e partilha. Sentimo-nos reconfortados por nos sentirmos acompanhados na missão e confirmados por percebermos que os desafios missionários que enfrentamos só podem ser respondidos em união com toda a família espiritana! Desejo-lhe, a si e a todos os Ases, um Natal Santo e um Inspirador e abençoado ano 2023. Com amizade.

É nossa obrigação manter este laço de união com a Congregação que tanto nos deu...

D. DANIEL JUNQUEIRA, UM BISPO BOM

Pe. Tony Neves – Fraião 1975

D. Daniel Junqueira nasceu na Estela – Póvoa de Varzim em 1894. Entrou nos Seminários Espiritanos às portas da República e, com a revolução de 1910, viu-se obrigado a deixar Portugal para continuar os seus estudos. Passou pelos Seminários Espiritanos da Bélgica e França. Ordenado em 1918, seria enviado para Zamora, em Espanha, como formador e professor. Regressou a Portugal em 1920, passando pelos Seminários de Braga e Viana, onde se distinguiu como professor e director.

1928 é um ano de viragem: nomeado para superior e director do Seminário de Godim, na Régua, ali acumulou funções de pároco, sendo igualmente director espiritual do Seminário de Lamego. Lá seria surpreendido pela decisão do papa Pio XI, em 1938, que o nomeia como Prefeito Apostólico do Cubango, em Angola e, pouco depois, em 1941, Administrador das novas Dioceses de Nova Lisboa e Silva Porto. Silva Porto (hoje Kuito-Bié) seria confiada aos cuidados pastorais de D. Américo dos Santos Silva, ficando D. Daniel com Nova Lisboa.

Desenvolveu um notável trabalho pastoral, criando muitas paróquias e fundando missões no seu vastíssimo território. Participou no Concílio Vaticano II, de 1962 a 1965. Apos-tou muito na formação do clero, tendo ordenado muitos padres, sobretudo originários das missões do interior. Faleceria em Luanda em 1970, após doença prolongada. Como

primeiro Bispo de Nova Lisboa, foi sepultado na Catedral desta capital do planalto central de Angola.

Não conheci pessoalmente D. Daniel, mas ouvi histórias sem conta sobre este grande bispo missionário. Quando cheguei ao Huambo, em 1989, encontrei muitos padres ordenados por ele ou que com ele trabalharam. Todos falavam de um Bispo simples, amável, muito próximo dos seus padres e do povo que ele encontrava nas suas habituais visitas pastorais.

Tinha um humor extraordinário e, sempre que iam ao Paço acusar algum padre de qualquer coisa de negativo, ele ouvia com muita atenção e depois perguntava: 'é de bom, nunca fez nada?'. Desarmava assim estas denúncias e, sem entrar numa lógica do vale tudo, apelava sempre à misericórdia, antes de partir para castigos e sanções. Se há líderes que em cada solução descobre vários problemas, D. Daniel via em cada problema o ponto de partida para várias soluções. Ainda hoje, há pessoas que vão rezar diante do seu túmulo.

A chegada dos primeiros missionários a Angola foi em 1491. Por isso, os cinco séculos de evangelização e encontro de culturas foram celebrados em 1991. Um dos momentos mais simbólicos foi a romagem dos Bispos angolanos a terras portuguesas donde partiram alguns dos grandes missionários de Angola. Claro que Estela foi brindada com uma grande celebração, presidida por D. Francisco Viti, filho espiritual de D. Daniel e um dos seus sucessores como Arcebispo do Huambo.

O Dr. Fernando Faria Souto, professor de Filosofia, formado nos Seminários da Congregação do Espírito Santo, decidiu evocar a figura de D. Daniel Junqueira com a preparação cuidadosa de uma Exposição que deveria percorrer as terras que D. Daniel visitava sempre que vinha ao continente: a sua Estela natal, Navais e Aguçadoura. Vi-a em Navais,



com direito a visita guiada pelo seu autor. São oito grandes painéis, cuja realização só se tornou possível com o apoio da Biblioteca Rocha Peixoto, da Póvoa de Varzim. Impressiona ver a riqueza do acervo documental sobre D. Daniel, incluindo correspondência privada. Boa parte destes textos e fotos pertencem a Alberto Eiras, de 91 anos, que conheceu e privou muito com D. Daniel. Homem de Deus, passeou a sua simpatia e fé por terras da

Europa e África, sempre de braços e coração abertos para os novos tempos que o Concílio Vaticano II abriu. Angola deve-lhe muito e Nova Lisboa viu os Seminários formar um clero local numeroso e culto, donde saíram diversos Bispos após a independência.

D. Daniel marca a história por ser um Pastor simples, bom, próximo e fraterno. A Igreja precisa muito de Bispos como ele.

O DEVER DE LEMBRAR O MARTINS CARNEIRO

M. Fernando Faria Souto – Viana 1965

Os primeiros dias do mês de outubro de 1967 marcam o início da frequência do seminário do Fraião. Um edifício singular, de amplos espaços, dividido em dois pavilhões, que norte e sul davam nome e orientação. Nesses dias e nesta nova casa, outros nomes se deram então a conhecer nas inevitáveis e mútuas apresentações, tendo em conta a dupla proveniência:



seminário de Viana do Castelo e seminário de Godim, Régua. Conheci o colega Martins nestas circunstâncias. Ambos fazíamos parte do conjunto de 67 alunos matriculados no 3º ano. E correu logo a fama de ser o melhor aluno do grupo de Godim. Uma verdade que se manteve inabalável e que testemunhei, como seu colega de turma, no prosseguimento de estudos, durante cinco anos letivos. Tal, porém, nunca o enaideceu, ou o fez superior face aos restantes colegas. Pelo contrário, sempre pronto a ajudar-nos a ultrapassar as dificuldades de aprendizagem, ao mesmo tempo que sabia reconhecer e valorizar nos outros, as qualidades, que eventualmente não possuía.

Nesta fotografia, junto à “entrada” do acampamento, na Foz do Neiva, em agosto de 1968, ele é reconhecido, no meio de vários colegas, onde me incluo, pelo singular aceno de despedida.

No ano letivo de 1971 /72 éramos sete a frequentar o sétimo ano. Sete magníficos alunos, pois claro! E o primeiro de todos era o Martins Carneiro. Julgo até que dispensou das provas orais a todas as disciplinas dos exames realizados no Liceu Sá de Miranda. Este foi o seu último ano de frequência no semi-

nário. Iniciou a partir de então, outras rotas, outros voos, como piloto na Força Aérea primeiro, e depois na Aviação Civil.

O Padre Teles, invulgar e surpreendente professor de Matemática, em Godim, colou-lhe a alcunha de “Maquinista” quando ele tinha onze anos. Ainda no ano passado, confidenciou-me que teve ao longo da vida várias alcunhas, mas nenhuma como esta, e como tal, fazia questão de a manter viva.

Mal sabia o Padre Teles que o seu aluno se tornaria “maquinista” ... nos céus, que para tanto o lançou o seu espírito audaz e destemido. E o céu sempre como limite, a dar sentido e significado a esta escolha de juventude.

Em várias situações nos reencontrámos e não sendo já os mesmos, éramos de facto os mesmos, quando abríamos as memórias da infância e da juventude e saltavam retalhos das nossas vidas, então, ainda ao amanhecer.

Sempre o conheci assim: irreverente, genuíno, decidido, culto, conversador, não alinhado, provocador e por vezes desafiador das regras estabelecidas nas instituições que serviu. E grande, na amizade!

Mas eis que em julho, mês comemorativo dos 50 anos da conclusão do ensino liceal, como então se dizia, espalhou-se uma inesperada notícia, embalada ainda pela esperança da recuperação que o seu perfil físico e psicológico parecia garantir. Os dias foram passando e a morte chegou. Chegou cedo demais. E não lhe foi dado tempo de envelhecer na merecida companhia dos incontáveis amigos e da sua estimada família. Restou-nos algum consolo, na dignidade e na serenidade da cerimónia do mistério da última despedida, no Tanatório de Matosinhos.

Faremos o resto da viagem, como se continuasses connosco e ao comando, amigo António.



TESOURARIA

OUTUBRO / DEZEMBRO 2022

N.º	NOME	CONTA	MONTANTE	N.º	NOME	CONTA	MONTANTE
8	Abel Pereira Correia	QUOTAS	20,00 €	845	Guilherme Gonçalves Castilho	QUOTAS	30,00 €
2151	Abilio Morgado Sobreira	QUOTAS	40,00 €	2522	Heitor Bern. Lourenço Codeço	QUOTAS	50,00 €
35	Adelio Torres Neiva Cruz	QUOTAS	100,00 €	2889	Helder leal Martins	QUOTAS	20,00 €
41	Adriano Pereira Carreira	QUOTAS	30,00 €	849	Hélio Sousa Martins	QUOTAS	50,00 €
50	Afonso Nunes Santos Pereira	QUOTAS	50,00 €	896	Jaime Paiva Frutuoso	QUOTAS	50,00 €
50	Afonso Nunes Santos Pereira	CEPAC	50,00 €	896	Jaime Paiva Frutuoso	CEPAC	75,00 €
50	Afonso Nunes Santos Pereira	S.TOMÉ	50,00 €	896	Jaime Paiva Frutuoso	S.TOMÉ	75,00 €
58	Agostinho Fern. Sousa Monteiro	QUOTAS	50,00 €	2966	João Batista Souto Coelho	QUOTAS	100,00 €
3384	Agostinho Man. Moreira Quesado	QUOTAS	30,00 €	3025	João Matos Amorim	QUOTAS	50,00 €
66	Agostinho Tavares Freitas	QUOTAS	100,00 €	978	Joaquim António Pereira Dias	QUOTAS	20,00 €
2726	Aguinaldo Lopes Silva	QUOTAS	40,00 €	987	Joaquim Augusto Nunes Falcão	QUOTAS	200,00 €
73	Albano Martins Sousa	QUOTAS	35,00 €	2005	Joaquim Gonçalves Pereira Silva	QUOTAS	10,00 €
112	Albino Pereira Silva	S.TOMÉ	50,00 €	1021	Joaquim José Azevedo Moreira	QUOTAS	100,00 €
152	Alvaro Marcolino Ferreira Silva	QUOTAS	25,00 €	1023	Joaquim Leal Pereira	QUOTAS	100,00 €
3386	Américo Castro Ferreira	QUOTAS	20,00 €	1025	Joaquim Lopes Oliveira	QUOTAS	25,00 €
2748	Américo Pereira Espírito Santo	QUOTAS	100,00 €	1033	Joaquim Maria Xavier	QUOTAS	40,00 €
207	António Alberto Costa Senra	QUOTAS	50,00 €	1040	Joaquim Mendes	QUOTAS	50,00 €
2724	António Alberto Vieira Monteiro	QUOTAS	25,00 €	1100	José Adelino M. Cardoso Veiga	QUOTAS	100,00 €
2729	António Augusto Amaral Sequeira	QUOTAS	50,00 €	3067	José Armindo Cas. Bento Pinto	QUOTAS	50,00 €
3387	António Domingos Silva Pereira	QUOTAS	20,00 €	1147	José Candido Gomes Ferraz	QUOTAS	20,00 €
263	António Félix Matos Ferreira	QUOTAS	20,00 €	1171	José Custódio Lopes	QUOTAS	50,00 €
313	António Jose C. Teixeira Soares	QUOTAS	20,00 €	1171	José Custódio Lopes	BOLSA	250,00 €
2581	António José Sampaio Mac. Silva	QUOTAS	20,00 €	1171	José Custódio Lopes	CEPAC	100,00 €
334	António Lemos Ferreira	QUOTAS	20,00 €	1171	José Custódio Lopes	S.TOMÉ	100,00 €
2674	António Lopes Paiva	QUOTAS	150,00 €	1163	José da Conceição Silva	QUOTAS	30,00 €
345	António M. C. Cardoso Pinto	QUOTAS	20,00 €	3029	José Dias	QUOTAS	30,00 €
429	António Torres Vieira	QUOTAS	50,00 €	3310	José Fern. Conceição Nogueira	QUOTAS	50,00 €
441	Arlindo Pilar Amaro Areias	QUOTAS	40,00 €	1200	José Gabriel Martins Marques	QUOTAS	40,00 €
446	Armando Alves Ferreira Silva	QUOTAS	50,00 €	3029	José Luis Dias	QUOTAS	30,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €	1264	José Man. Mont. Lopes Azevedo	CEPAC	60,00 €
505	Augusto Teixeira Rua	QUOTAS	20,00 €	1264	José Man. Mont. Lopes Azevedo	QUOTAS	50,00 €
2320	Avelino Campo Marques Barros	QUOTAS	50,00 €	1250	José Manuel Cabral Coelho	QUOTAS	40,00 €
2838	Benjamim Santos Alves	QUOTAS	40,00 €	3274	José Manuel M. Vale Lima	QUOTAS	20,00 €
542	Candido Santos Ferreira	QUOTAS	20,00 €	1261	José Manuel Martins	QUOTAS	40,00 €
2720	Carlos Henrique M. V. Viana	QUOTAS	20,00 €	1261	José Manuel Martins	QUOTAS	100,00 €
598	Casimiro Teixeira Varandas	QUOTAS	20,00 €	1269	José Manuel Pinto Ribeiro	QUOTAS	100,00 €
605	Cesário Mesquita Ferreira	QUOTAS	40,00 €	1297	José Mário Cruz Costa	QUOTAS	20,00 €
626	David José Falcão Torres	QUOTAS	25,00 €	1319	José Nepomuceno Silva Dias	QUOTAS	65,00 €
2514	Diniz Agostinho Gaspar	QUOTAS	200,00 €	1330	José Peixoto Lopes Pe.	S.TOMÉ	200,00 €
2793	Domingos Macedo Barbosa	QUOTAS	100,00 €	1330	José Peixoto Lopes Pe.	BOLSA	250,00 €
688	Eliseo Sousa Silva	QUOTAS	40,00 €	1330	José Peixoto Lopes Pe.	BRASIL	200,00 €
3041	Emidio Leal Martins	QUOTAS	25,00 €	1330	José Peixoto Lopes Pe.	MOÇAMB	200,00 €
698	Ernesto Henriques Pereira Silva	QUOTAS	60,00 €	1330	José Peixoto Lopes Pe.	CEPAC	50,00 €
701	Ernesto Pereira Gomes	QUOTAS	30,00 €	1330	José Peixoto Lopes Pe.	QUOTAS	100,00 €
707	Eusébio José Lopes	QUOTAS	100,00 €	1342	José Reis Fregedo	QUOTAS	40,00 €
2019	Fernando Baltazar Ribeiro Oliveira	QUOTAS	50,00 €	2364	Jose Rui Soutelo Torres	QUOTAS	30,00 €
726	Fernando Batista Nogueira	QUOTAS	20,00 €	2548	José Soares Domingues	QUOTAS	50,00 €
733	Fernando Faria Torre	QUOTAS	25,00 €	2773	José Vaz	QUOTAS	100,00 €
1957	Francisco Jesus Jarnalo	QUOTAS	50,00 €	1387	Julio Manuel Fonte Sá	QUOTAS	30,00 €
2917	Francisco Joaquim Martins Vilela	QUOTAS	40,00 €	1410	Luis Alberto Martins Gomes	QUOTAS	30,00 €
822	Francisco Sousa Martins	QUOTAS	20,00 €	1424	Luis Gomes Sousa	QUOTAS	25,00 €
831	Gaspar Ribeiro Costa	QUOTAS	20,00 €	1441	Luis S. Carmona-Vª D. Maria José	QUOTAS	100,00 €

N.º	NOME	CONTA	MONTANTE
1487	Manuel Assunção Casalta	QUOTAS	30,00 €
1495	Manuel Azev. Gomes Costa	QUOTAS	20,00 €
1522	Manuel Dias Torres Neiva	QUOTAS	20,00 €
1556	Manuel Gonçalves Vilela	QUOTAS	20,00 €
1569	Manuel Joaquim Couto Pereira	QUOTAS	50,00 €
1642	Manuel Queirós	QUOTAS	150,00 €
1691	Mário Alex. Oliveira Sá Sil	QUOTAS	20,00 €
1709	Mário Neiva Viana	QUOTAS	30,00 €
3036	Nelson Gomes Araújo	QUOTAS	20,00 €
1768	Olindo Santos Geraldês	QUOTAS	40,00 €
2185	Rafael Fonseca Meireles	QUOTAS	25,00 €
1814	Ramiro Santos Pinho	QUOTAS	50,00 €
3079	Rogério Martins Teixeira	QUOTAS	25,00 €

N.º	NOME	CONTA	MONTANTE
2502	Rui Martins Lopes	QUOTAS	20,00 €
2379	Silvino Augusto Martins Vilela	QUOTAS	50,00 €
1892	Timóteo Jorge Moreira	QUOTAS	50,00 €
1892	Timóteo Jorge Moreira	QUOTAS	50,00 €
3114	Vitor Manuel Oliveira Barros	QUOTAS	20,00 €
2603	Zeferino Luis Barros Lemos	QUOTAS	50,00 €
2603	Zeferino Luis Barros Lemos	CEPAC	150,00 €
TOTAL			7 045,00 €

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 31-12-2022	406	8.120,00 €
Ofertas	52	0,00 €
Para distribuição	62	
	520	

CRÓNICAS – LEMBRANÇAS

4. A REDE DOS AFECTOS ESCOLARES

Zé Machado – Godim 1964

Uma escola é um território de afectos, de emoções, de vivências intensas da relação humana, quer entre adultos, quer entre os adolescentes, quer entre estes e aqueles, ou seja, entre os alunos e os professores. Por hábito, damos mais peso às relações de trabalho, às relações pautadas pela didáctica e pela aprendizagem,



pelos técnicas e pelas estratégias cognitivas, pelas avaliações dos resultados do ensino. Mas as emoções, os afectos, os sentimentos da relação humana estão sempre todos convocados e em acção no quotidiano escolar. Normalmente, tudo começava num cerimonial de apresentação, assunto que até se escrevia no sumário da primeira lição: apresentação aos alunos, tomada de conhecimento dos alunos da turma, distribuição de inquérito e registo de notas sobre cada um. Ainda recordo que era quase regra que a primeira aula nunca se dava na totalidade, feita a apresentação mútua de professor e alunos, dava-se o tempo restante para conversa fora da sala de aula. Não fui grande praticante desta regra, porque desde muito cedo me apercebi da importância do primeiro contacto, da primeira confrontação física e emocional. Tenho na memória a persistência deste trabalho que era conhecer os alunos, saber quem eles eram para além do nome e do currículo sumário já adquirido até ao momento: donde vens, em que escola andaste, fala da tua vida e das tuas relações com os professores. As palavras eram poucas e só cresciam com o tempo: chamo-me assim, tratam-me por, gostei de andar na escola, gostei do meu ou da minha professora, gostei mais desta disciplina ou área, tenho dificuldades em... Mas com o tempo vínhamos a conhecer-nos com outra profundidade e com outra clareza de conhecimentos. E assim forjávamos relações de amizade ou de observação mútuas e íamos seguindo até ficarmos ou nos sentirmos satisfeitos. Como há professo-

res que não se esquecem, há alunos que se lembram pela vida fora. Tenho na memória casos suficientes para me agradar de os ter conhecido a um nível mais denso que o de simples estudantes. No início da minha formação como professor tomei consciência das dificuldades de manter a relação de conhecimento dos alunos dentro de uma esfera de imparcialidade de intromissão. Na relação entre docente e discente não há meio-termo, aprendi, ou se tem ou se não tem, ou está fundada na sinceridade das diferenças de estatuto e de missão, ou está fundada na viciação das mesmas, caindo para um fingimento de simpatia ou para um autoritarismo de defesa. Nós, os professores, temos a obrigação da generosidade e da disponibilidade, mas sabemos bem que há barreiras constantes a surgirem entre nós e eles, os alunos. Há alunos difíceis, como há professores teimosamente fechados atrás de seu papel docente; os pré-conceitos sobre a nossa figura ou sobre o nosso estilo ou sobre as minudências que só os mais novos são capazes de descobrir e de sentir como invasivas de suas personalidades, surgem constantemente no caminho. O simples facto do cumprimento das rotinas de horários, já é constrangimento bastante para atitudes de resistência, quanto mais o facto de toda a vida escolar ter no professor a sua garantia de cumprimento, disciplina, organização, avaliação. Todos os anos, com novas turmas de alunos, este desafio de viver a emoção e a compaixão do conhecimento mútuos tomava novas configurações, assentava em renovadas propostas de interacção verbal, suportava-se com jogos de atracção, com propostas de interactividade, com palavras de afecto de compreensão. O poeta Sebastião da Gama dizia aos seus alunos que ele era apenas um colega mais velho, eu tratei os meus de camaradas, de amigos, de companheiros. Não terei dado o meu melhor, ficou muita coisa por fazer, mas esforcei-me, hoje voltaria a privilegiar o campo da construção da amizade como um dos esteios do campo da construção do conhecimento.

3. HERMENÊUTICA BÍBLICA E SUA HISTÓRIA

Henrique Martins – Godim 1958

(Continuação do Uniases 204)

Considerando a temática de cada livro ou rolo, estes classificam-se em Normativos (Lei/Torah/Pentateuco); Históricos (ex. Crônicas, no AT e Atos dos Apóstolos, no NT); Sapienciais (ex. Sabedoria, Provérbios); Proféticos; Evangelhos, Epístolas e Apocalipse. Os respetivos textos podem apresentar-se em linguagem denotativa (sentido usual) ou conotativa (figurada) e com ou sem adornos estilísticos. Assim, não podemos tomar à letra a frase de Jesus: “Eu sou a porta...” (já que esta é aqui usada em sentido metafórico) e o mesmo se dirá de certas afirmações, notoriamente hiperbólicas (como aquele conselho: “Se o teu olho te serve de escândalo, arranca-o...” (em que a força literária do “exagero da hipérbole” acentua a importância do ensinamento); ou o “Midrash” maravilhoso da Visita dos Reis Magos, - bem achado arranjo literário para enaltecer a figura do Menino-Deus!...

Acima de tudo, há que ter sempre presente a Regra de Ouro Interpretativa, que visa descortinar o decisivo sentido daquilo que o Autor do Texto quis, através dele, comunicar, aos seus imediatos destinatários. Para tanto, não deve o intérprete tomar à letra as suas palavras, mas reconstituir, a partir delas, o pensamento do respetivo Autor, isto é, a sua mensagem, - tendo sempre em conta a unidade do todo do Escrito de que faz parte a frase ou passagem em análise (contexto); as circunstâncias em que ele foi redigido e a Unidade do todo da Bíblia, - não sendo lícito considerar uma interpretação que não tenha o mínimo de correspondência verbal com o Texto em causa. Há, porém, na S. Escritura, o uso dum recurso literário muito peculiar (embora não exclusivo dela): referimo-nos ao “Midrash” e às Parábolas...

Deixando estas de parte, por não oferecerem especiais dificuldades interpretativas (visam mesmo o máximo de abertura hermenêutica) - vamos deter-nos mais demoradamente nos “midrashim” (plural) - espécie de reflexões ou comentários religiosos, - constituindo como que Contos Etiológicos Edificantes, “in casu”... “Mitos de Origem”, - bem presentes nos primeiros capítulos do Génesis (Gn) - por sinal os últimos do AT a ser redigidos (já bem depois do regresso do Exílio dos Judeus da Babilónia), como ao diante melhor resultará esclarecido.

Lemos em Gn 1-3 que “No princípio criou Deus os Céus e a Terra...” que o fez em 6 dias, para no 7º (Shabat) descansar: que



tal Criação incluiu, sobretudo, o Homem (Adão), do qual saiu Eva, para daquele ser companheira e auxiliadora, colocados num Éden, para dele cuidarem, com a proibição de comerem da Árvore do Conhecimento do bem e do mal... (e o Relato lá continua, dando-nos conta de que os nossos Proto-Parentes acabaram por desobedecer, comendo o fruto proibido, mercê do que terão perdido dons preternaturais e sido expulsos do Paraíso, sujeitos agora ao trabalho com o suor do rosto, ela aos dolorosos partos e ambos à doença, à desarmonia das relações entre si e com a natureza e, por fim, à morte... não sem o aceno duma espécie de Proto-Evangelho, mitigando a tragédia com alguma esperança)!...

Aqui chegados, é a altura de enfatizar, desde logo, o primeiro e grave erro - que foi o de ter sido tomado à letra, numa visão historicista, aquele Relato ou Mito, como Reflexão Religiosa, sobre as Origens (contra a mais elementar e sobredita Regra de Ouro de toda e qualquer Interpretação)!... Cristo nunca a tal Pecado ou Queda (Original) se referiu, embora tenhamos repetidos relatos de Ele ter perdoado os Pecados Existenciais (pessoais) de vários agraciados. Os Judeus também nunca teorizaram tal “Queda” e conseqüente tragédia e o mesmo fizeram os Apóstolos!... Até que chegámos a Agostinho de Hipona, educado no Maniqueísmo Persa, que foi buscar, etiológicamente, a causa da concupiscência humana, ao referido “Pecado Original”, com o qual todos nascíamos, como maldita Herança daqueles primeiros Pais!... Mais tarde, é S. Anselmo de Cantuária que vem com a Teoria da Expição, segundo a qual, uma Ofensa Divina, só através dum Desagravo Divino poderia obter-nos a Reconciliação: vale dizer que aquela desobediência de “somenos” (considerando que o Homem é imperfeito, finito, criatura, limitado) implicou que Deus-Pai só com a morte do próprio Filho (!) é que permitiu a nossa Reconciliação consigo!... Claro que semelhante interpretação briga com o normal sentido da nossa paternidade, porque qualquer pai normal, embora imperfeito, jamais aceitaria a monstruosidade da morte do próprio filho, para lhe perdoar, ainda que a ofensa fosse de toda uma cesta de maçãs... isto é, ainda que o crime fosse a tentativa de patricídio!... Mas a Igreja aceitou tal teoria do Pecado Original, dizendo que só o Batismo dele nos resgataria, tal como fez sua, a referida Doutrina da Expição, e conseqüente Dogmática, - em que, sem culpa, fomos, tradicionalmente, catequizados. Só que, felizmente, a Ciência e sobretudo a Astrofísica dos últimos 100 anos (desde que Einstein descobriu a Teoria da Relatividade) veio obrigar a uma Releitura daquele Relato Bíblico da Criação!..

(continua próximo UNIASES)

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A. Carvalheira - UNIASES

Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

uniases@sapo.pt

TESOUREIRO:

919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35
CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal... No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____

NOTÍCIAS TRISTES...



P. JOSÉ COELHO DE AMORIM, filho de Joaquim Rodrigues de Amorim e de Clementina Pereira de Sá Coelho, nasceu a 13 de setembro de 1925 em Paços de Brandão, Santa Maria da Feira. Pais cristãos, cumpridores e abastados, educaram os seus três filhos no seguimento de Cristo. Seu pai explorava uma fábrica de papel na freguesia de S. Jorge e sua mãe era doméstica e geria a mercearia, na casa da família. Quando a mãe se ausentava, o José ficava encarregado da mercearia. A opção pelo seminário foi tomada em família. Entrou em Godim em 6 de outubro de 1936, juntamente com o seu irmão mais velho (que viria a sair no Fraião). Estava no Fraião quando lhe faleceu a mãe a 13 de maio de 1941. A notícia só lhe chegou alguns dias mais tarde. E ele escreveu: "Soneto à memória de minha Mãe". Fez o noviciado na Silva e os primeiros votos na Congregação do Espírito Santo a 8 de setembro de 1944. Nesse mesmo ano voltou para Godim para professor de Letras no seminário menor de Godim.

A 19 de março de 1950 foi ordenado sacerdote, em Viana do Castelo, na presença do pai e dos seus irmãos. Em 1951 terminou a

licenciatura em Teologia em Salamanca e em 1959, concluiu em Coimbra o curso de Ciências Físico-químicas.

De 1959 a 1970, foi professor e superior no Fraião, ecónomo em Madrid e conselheiro Provincial, tendo dirigido com êxito a renovação das instalações no Fraião. Em outubro de 1971 foi para o Colégio Espírito Santo em Nova Lisboa (hoje Huambo) – onde assumiu o cargo de Director.

Em agosto de 1974 regressa a Portugal e é nomeado professor no Fraião; em 1978 é nomeado para o Porto (casa da Boavista) para o trabalho na animação missionária e Ecónomo da comunidade; em 1986 é nomeado para Coimbra, onde foi superior por vários mandatos. O P. Amorim é autor de diversas publicações teológicas e científicas. Em 2017, depois de longa permanência na comunidade de Coimbra e a seu pedido, foi transferido para a comunidade do Fraião, como utente do Lar Anima Una onde se adaptou muito bem: ajudava os confrades mais dependentes e colaborou no apostolado no exterior.

O P. Amorim tinha 96 anos quando o Senhor o chamou a Si, no dia 22 de agosto de 2022. Rezamos a Deus Pai Misericordioso para que o tenha junto de Si e do Céu interceda pelas necessidades da Igreja e da Congregação.



PADRE ALTINO GONÇALVES FAFIÃES, filho de Manuel da Silva Fafiães e de Maria Gonçalves, nasceu a 7 de novembro de 1946 em Lavra, concelho de Matosinhos, diocese do Porto. Aos 15 anos pediu para ser admitido na Escola Profissional dos Irmãos no Fraião e foi aceite. A 8 de setembro de 1965, com 18 anos de idade, no Fraião, fez os primeiros votos na Congregação dos Missionários do Espírito Santo e escolheu o nome religioso Abraão. Em 1971 foi enviado, como irmão, para Angola: diocese de Sá da Bandeira (hoje Lubango), para a missão católica do Munhino. Uns anos mais tarde, sendo vítima de malária cerebral, foi evacuado para Lisboa.

Sentiu-se chamado ao sacerdócio ministerial na Congregação e em outubro de 1978 é transferido para a Província de Espanha onde faz os seus estudos teológicos e é ordenado Presbítero a 31 julho 1983. Desenvolve o seu apostolado em Espanha, no Paraguai, na Amazônia Brasileira. Em setembro de 2012, manifesta o seu desejo de voltar à Província Portuguesa e se possível à casa do Fraião onde – segundo as suas palavras – tinha sido o berço da sua vocação espiritana para onde regressa em 2013 e passa a residir no Lar Anima Una.

O Senhor da vida e da morte chamou a Si o seu fiel servidor no dia 28 de julho de 2022. Damos graças a Deus pela vida e missão do P. Altino e rezamos ao Senhor da Messe que o acolha no seu Reino onde todos nos reuniremos um dia com os seus Anjos e os seus Santos.

Sentiu-se chamado ao sacerdócio ministerial na Congregação e em outubro de 1978 é transferido para a Província de Espanha onde faz os seus estudos teológicos e é ordenado Presbítero a 31 julho 1983. Desenvolve o seu apostolado em Espanha, no Paraguai, na Amazônia Brasileira. Em setembro de 2012, manifesta o seu desejo de voltar à Província Portuguesa e se possível à casa do Fraião onde – segundo as suas palavras – tinha sido o berço da sua vocação espiritana para onde regressa em 2013 e passa a residir no Lar Anima Una.

O Senhor da vida e da morte chamou a Si o seu fiel servidor no dia 28 de julho de 2022. Damos graças a Deus pela vida e missão do P. Altino e rezamos ao Senhor da Messe que o acolha no seu Reino onde todos nos reuniremos um dia com os seus Anjos e os seus Santos.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor os acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

Às 1425 - Luís Gonzaga Azevedo

Nasceu em 15-03-1943 – de Carlão – Alijó – do Curso de Godim 1955.

Às 302 - António Joaquim Martins Carneiro

Nasceu em 07-03-1953 de Lordelo – Paredes. Faleceu a 14-07-2022. Do curso de Godim 1965. Foi piloto-aviador muito estimado e apreciado por todos os colegas. Manteve sempre uma ligação estreita com todos os ASES condiscípulos: ver testemunho do Fernando Souto na pág. 11. Para a esposa Ana e filhas Filipa e Catarina os nossos sinceros sentimentos.

Às 262 – António Félix Costa Junqueiro – entrou em Godim em

1953, vindo de Ligares – Freixo de Espada à Cinta.

Às 2062 - Fernando Machado Boucinha – Nasceu em 25-06-1944 de Rio Mau, Vila do Conde. Faleceu em Touguinhó – Vila do Conde, aos 78 anos, no dia 12-11-2022, conforme informação do conterrâneo Gaspar Costa. Do Curso de Viana 1956.

Moisés Moreira, com 86 anos, faleceu em 16-11-2022, em Fiães – Feira; irmão dos nossos ASES Padres Tarcísio e António Moreira. Grande espiritano, tendo sido Liamista toda a sua vida.

Sofia Saldanha, filha do nosso saudoso Às Saldanha, faleceu em Braga a 25 de dezembro, com a idade de 47 anos.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

ESTANTE

TALVEZ ESTHER

Joaquim Moreira - Silva 1955



Três livros sobre a estante, um só tema, algumas variantes: O METEOROLOGISTA, de Olivier Rolin (Sextante Editora, 2015), O FIM DO HOMEM SOVIÉTICO, da nobelada 2015 de Literatura Svetlana Aleksievitch (Porto Editora, 2015) e o que dá nome a esta crónica, TALVEZ ESTHER, de Katja Petrovskaja (Quetzal, 2015). Une-os um tempo particularmente sensível da conjuntura mundial, esta salganhada do islamismo, com anti-semitismo ou anti sionismo à mistura, os neo nazismos, os europeísmos, os novos blocos para isto e para aquilo, a guerra na Ucrânia agora, tudo misturado em tremendas interrogações, mas para onde é que vai o mundo.

'O Meteorologista' é um livro relativamente breve, admirável, mas profundamente doloroso, a vida e a morte de um cientista russo, técnico de meteorologia, função em que atingiu dirigência, apanhado também pela onda do "entusiasmo" da revolução comunista soviética, mas nela entretanto acusado como inimigo da revolução sem saber porquê nem por quem e transportado para o tremendo e kafkiano absurdo de um gulag qualquer, sob os bigodes de Estaline, o grande líder pois então, loucura colectiva, artificial, irracional para atento observador, pessoas para quê, são nada, número quando muito, um partido apenas, o soviético, o soviétismo, um ideal com tudo para ser difuso e vago mas indiscutível e cego, imposto, um sagrado objectivo atirado para um futuro qualquer, um por todos e todos por um, uma sociedade obviamente brilhante e justa, e deu aquilo que deu. Nesse gulag, nas lhas e nos gelos do mar branco, viveria o meteorologista alguns meses a fazer de conta que ainda podia ser feliz, que viria a ser "julgado" e libertado, mimando entretanto sua filhota com desenhos de coisinhas dali naturais, plantas, animais desta sua "estância de férias", um dia voltarei, filhota, e pedirei contas, claro que nunca mais voltou. O livro dá-nos

pormenores de como uma ideia linda e generosa se transforma numa gigantesca fraude, terror apenas, "tratamento" quase sempre rápido e fatal, banal fuzilamento, enterro em valas comuns algures na floresta gelada, tudo em nome de uma soberana abstracção libertadora, e cara alegre, "cá vamos cantando e rindo, levados, levados, sim", se fosse em Portugal.

'O Fim do Homem Soviético', com subtítulo Um Tempo de Desencanto, de Svetlana Aleksievitch, prémio nobel de Literatura em 2015, analisa os (des)caminhos do socialismo soviético, das origens à perestroica e à queda do muro. A Autora é natural da Bielorrússia e sabe que ela mesma foi também um produto da utopia soviética, "essa nossa vida", dirá, ao sentir-se cúmplice de todo o ambicioso processo, "transformar o homem antigo, o vetusto Adão. E isso foi conseguido... Em pouco mais de setenta anos no laboratório do marxismo-leninismo criou-se um tipo humano especial – o Homo sovieticus, se calhar Putin é também herdeiro." O problema é que o sistema ruiu como tinha que ruir, todos os sistemas ruirão um dia, tão difícil acordarmos naquilo que é necessariamente eterno à face da terra, por isso se inventam eternidades. Dá para entender que o livro vai claramente ao fundo da questão. Do esclarecedor índice, veja-se por exemplo o título *Outra Bíblia e outros crentes*, de *per si* já uma mensagem clara para a compreensão de como a utopia soviética se pôs em marcha e como se assemelha a outras consoladoras utopias, cristianismo incluído, "magníficas criações do espírito humano" diria António Damásio. Incrível como um membro do Partido Comunista desde 1922, Vassili Petróvitch, "hoje" com 87 anos, homem a quem tiraram a mulher, para nunca mais a ver, homem que sofreu na pele todos os horrores do estalinismo soviético menos o gulag e o fuzilamento, escapou por uma unha negra, acabe os seus dias com loas ao santo partido que só por acaso não o liquidou. Vá lá a gente entender como é que tanta gente boa continua a ir a pé ao são bentinho da porta aberta, vá lá que as caminhadas estão cada vez mais na moda.

E ainda o "Talvez Esther", de Katja Petrovskaja, ucraniana de ascendên-

cia judaica, uma dolorosa peregrinação aos lugares e às raízes da Autora, afinal aos meandros da liquidatária perseguição aos judeus, o nazismo alemão, dentro e fora da Alemanha. A louca lucidez dos totalitarismos resulta neste monumental, abjecto, abominável desprezo pela pessoa humana, faltam adjectivos para tamanha alucinação. Com a Autora, hoje de bem com a vida no reino da Alemanha e a falar e a escrever em alemão, vamos por exemplo a Babi Iar e olhamos o desfiladeiro para onde foram despejados milhares de judeus mortos ou assim-assim, fuzilados sem mais nem porquê quando, em 1941, os alemães entraram em Kiev e procederam à limpeza, com a colaboração de forças ucranianas, o horror, o inimaginável, o inqualificável, o absurdo. Era tão bom que pudéssemos hoje disfrutar daquele miradouro, mas sabendo que a terra não estava ensopada em sangue. Impossível ignorar tanta maldade e tanto crime.

Talvez Esther, os judeus sempre escolheram seus nomes como produtos da sua horta bíblica, Saras, Rutes, Judites, Estheres. Na família da Autora, várias Estheres, qual delas a que tinha em mente, carregou a dúvida no próprio nome do livro, Talvez Esther, nome lindo, livro comovente e cheio de interrogações como as de Svetlana Aleksievitch porque o "homem soviético" parece perdurar por aí, a violência, a guerra, a arbitrariedade, o despotismo, a ausência de democracia, tudo como antigamente, Bielorrússia, por exemplo, pátria da Autora, onde como que se eterniza uma espécie de ditadura russo-soviética, agora naturalmente de braço dado com o desgraçado Putin. Tanto progresso, tantas novidades ditas tecnológicas, e não acontece nada de verdadeiramente novo no coração dos homens, os "novos céus e nova terra" sempre prometidos mas cada vez mais distantes, atirados para dentro de um túnel sem luz nem fundo, à medida que continuamos suspendendo e recolhendo projectos, arquivando ambições, encurtando nosso círculo existencial e fechando progressivamente os olhos para todo este mundo desgraçado e bom.